

# Sarney confirmado para a presidência da Arena

19 JAN 1970

O ESTADO DE SÃO PAULO

## Da sucursal de BRASÍLIA

O general João Baptista Figueiredo indicou ontem o senador José Sarney para substituir Francoelino Pereira na presidência nacional da Arena, e ao fazer sua apresentação aos jornalistas, em seu escritório, disse esperar "que o nome conte com a aprovação de todos os arenistas".

A solenidade durou menos de cinco minutos e, tal como apresentou seus líderes no Congresso, Figueiredo fez questão de fazê-lo também pessoalmente com o novo presidente da Arena. Do encontro participaram, além de Francoelino Pereira, Petrônio Portella e o futuro ministro Delfim Netto, que explicou sua presença no local por ser "um homem da Arena". Estavam presentes ainda o futuro ministro das Comunicações, Haroldo Mattos, e o ex-presidente do IBC, Horácio Coimbra, mas estes nada disseram aos jornalistas.

Em rápidas palavras, Francoelino Pereira saudou Sarney, apontando-o como encarregado da renovação do comando arenista, enquanto ele passaria a se dedicar integralmente à preparação do governo de Minas Gerais.

O senador José Sarney, por sua vez, proclamou como sua "tarefa fundamental" à frente da Arena, dar à agremiação "uma estrutura de partido moderna e ampla, que se derrame sobre todas as camadas da sociedade, para que ele não seja somente um agremiação sazonal como o são geralmente os partidos brasileiros e da América Latina". Ele assinalou ainda a importância da tarefa da classe política na consolidação da abertura e a necessidade da Arena ser um partido "no governo e não apenas do governo".

### "LEALDADE VOLUNTÁRIA"

Depois de conferenciar durante quase uma hora com o

futuro presidente João Baptista Figueiredo, em companhia de Francoelino Pereira e de Petrônio Portella, Sarney foi até a Sala de Imprensa no 19º andar para falar aos jornalistas. Ao lado de seu antecessor, anunciou:

"Iremos, integrados, procurar criar cada vez mais a lealdade voluntária que possa dar ao governo o respaldo de que ele precisa e dar ao partido a força que ele deseja. Nesse sentido, visitarei todos os Estados, promoverei reuniões regionais, procurando articular-me com as direções regionais e com as lideranças locais para que o partido possa cumprir a sua missão junto à opinião pública e junto ao governo que ele integra e a que pertence."

Provocado pelos repórteres, Sarney explicou que, no encontro que mantivera com o general Figueiredo, este ouviu um relato da ação do partido e um "esboço daqueles pontos básicos com que devo marcar minha passagem pela presidência da Arena".

A seguir, assinalou "a solidariedade do partido ao presidente Geisel, o que possibilitou que ele cumprisse seu programa, aprovando as reformas e dando a abertura política e ganhando as eleições para o Senado, a Câmara e as assembleias".

"A minha presidência corresponde a uma outra realidade, a do ingresso do País no Estado de Direito, através da revogação dos atos de exceção, determinando, em consequência, uma mais viva e mais dinâmica atividade política" — prosseguiu o novo presidente da Arena.

"A fase mais importante de meu trabalho — salientou — residirá em criar uma estrutura de partido moderno, dentro do corpo de doutrina da agremiação e das idéias básicas que determinam seu funcionamen-

to e sua ação como partido liberal-democrático de centro. Dedicar-me-ei de corpo e alma a essa tarefa, a mais grave e a mais grata que recebi em minha vida pública. O problema mais importante que existe hoje, repito, para toda a classe política, consiste na consolidação da abertura. Para consolidá-la em termos da democracia que todos desejam, precisamos de partidos fortes. E a função do partido deve ser a de enquadrar eleitores e eleitos, através das idéias e programas da agremiação e da ação política por ele ditada. Essa ação de partido de governo, no caso, consiste sobretudo em sua lealdade ao governo, na solidariedade às mesmas idéias e às políticas que forem deflagradas pelo próprio partido ou pelo governo, mas, sob qualquer perspectiva, sendo uma política do partido."

## ENTROSAMENTO

O senador maranhense prometeu "pugnar por maior entrosamento dos companheiros com o governo, para que o partido, prestigiado e apoiado, possa ser considerado por todos, não só como partido do governo, mas como partido no governo".

Ele rebateu assim as críticas ao ministério de Figueiredo, no que respeita à marginalização dos políticos: "Para ser político, não é necessário ser parlamentar. O governo — e o presidente João Baptista Figueiredo já teve oportunidade de dizer — será um governo político e esta é sua meta principal. Assim, todos os seus auxiliares são políticos".

Sarney disse, assim, "desconhecer que qualquer companheiro esteja deseioso de deixar as hostes da Arena", e reafirmou sua posição pessoal a favor do voto distrital e do bipartidarismo, "para assegurar as liberdades públicas ao estilo do mundo ocidental".

## Vitorino, o primeiro protetor

No início da década de 50, o velho cacique político maranhense Vitorino Freire, então dono incontestável do PSD local, resolve atender ao pedido de seu amigo desembargador Sarney e solicita ao governador Eugênio Barros uma colocação para o jovem José Ribamar de Araújo Costa, filho do magistrado, recém formado pela Faculdade de Direito de São Luís. Mal sabia o antigo chefe possedista que, passados quase trinta anos, escreveria suas memórias e dedicaria a esse fato várias páginas, com um pouco de amargura, como um parágrafo em que descreve o ingresso do jovem filho do desembargador no governo estadual: "Jovem e inteligente, ele soube transformar o cargo que ocupava em verdadeiro trampolim político para sua ascensão dentro do Estado."

Assessor do governo maranhense, José Ribamar adota o prenome do pai e passa a assinar José da Costa Sarney e, chegadas as eleições de 1954, sai candidato e consegue a primícia suplência pe-

la legenda do PSD. Mal passado um ano, porém, Sarney, à época com 25 anos de idade, desentende-se com Vitorino Freire e abandona o PSD, ingressando na UDN, onde farta parte do grupo "Bossa Nova", de inspiração nacionalista, liberal e vagamente esquerdizante.

O ano de 1958 marca a escalada de Sarney rumo à chefia do grupo político mais forte no Estado: elege-se à Câmara dos Deputados, reelendo-se no período seguinte.

Com a vitória da Revolução de 64, Sarney passa a articular o apoio parlamentar ao presidente Castelo Branco e, no ano seguinte, disputa e ganha o governo do Estado, vencendo os candidatos do PSD e do PTB.

Seu governo à frente do Maranhão é classificado, mesmo nas hostes inimigas, de "modernizador": abriu estradas, procedeu a alfabetização em massa, promoveu a eletrificação, o abastecimento d'água e o saneamento das cidades, providenciou a re-

moção sistemática das populações palafitas para áreas urbanizadas, construiu barragens e estimulou a industrialização.

Depois de um período continuado de lutas contra os partidários de Vitorino Freire, sempre ocupando uma das cadeiras maranhenses no Senado, Sarney começa, a partir de 1977, a se aproximar cada vez mais do presidente Geisel, e se tornou um dos principais porta-vozes do governo — foi o relator das reformas institucionais no Congresso — e foi um dos primeiros a se engajar na candidatura do general João Baptista Figueiredo à Presidência da República. Sua volta ao governo do Estado era dada como certa em janeiro de 78, mas a indicação do deputado João Castelo não deixa os "sarneysistas" insatisfeitos. Em nota divulgada nos jornais, Sarney garantiu que, atendendo a apelo formulado pelo general Figueiredo, preferia continuar no Senado, para articular o apoio parlamentar ao futuro presidente.